

A

S manifestações coletivas, como tumultos e multidões violentas, ocorrem, com freqüência, em clima de crise, como, por exemplo, em horas de alto desemprego e inflação exagerada. Tais fenômenos de manifestação coletiva, como, por exemplo, a violência de abril em São Paulo — têm precipitantes imediatos, assim como várias causas anteriores.

Dentre os precipitantes imediatos estão: a ação de subgrupos mais inflamados; um eventual choque com as forças de controle social; uma notícia bombástica; a palavra de um líder; etc. Dentre as causas anteriores estão o próprio estado de insatisfação; o sentimento de privação relativa; de frustração; de inconformismo; e, principalmente, a circulação de rumores e boatos.

O rumor e o boato — quando veiculados em meio de um clima de anomia e desorientação — ganham grande relevância na predisposição a movimentos violentos. Ao ouvir o boato, os indivíduos procuram-se mutuamente para verificar a procedência da notícia. Ao aglutinarem-se e intercambiarem rumores, a multidão vai se formando e a predisposição para ação vai aumentando a níveis crescentes de reestimulação. Os modernos meios de comunicação — ao atuarem na mesma direção — potencializam fantaticamente tal predisposição, fazendo-a convergir para um ponto comum: a agressão.

Frustração e boatos são dois grandes induto-

res do saque ao supermercado, da corrida aos bancos, ou da quebra da bolsa de valores ou mesmo de manifestações populares de alvos não bem definidos — a não ser de dar vazão à frustração na forma de agressão coletiva.

Muitos acreditam que tais movimentos podem ser abortados na medida em que os fatos venham ser bem explicados. Isto pressupõe que os boatos são inflamáveis e os fatos não, ou seja, que o melhor antídoto para o boato é o próprio fato. Ou melhor, pressupõe que os fatos objetivos nunca são suficientemente maus para precipitar movimentos coletivos. Esse não é o caso. Muitas vezes o fato é pior do que o boato. O que conta na preparação do tumulto é a veiculação da informação preocupante entre indivíduos com necessidades básicas reprimidas, inconformados e ansiosos para uma liberação — no caso, agressiva. Quanto maior é o sentimento de indignidade entre tais indivíduos, mais intensa é a agressão que, por sua vez, pode ser direcionada: (1) à causa imediata da frustração; (2) a outras causas; ou (3) a fantasias ocasionais.

Nas manifestações coletivas como os tumultos e multidões, raramente surgem propostas de mudança. Há inconformismo com a situação; a multidão protesta, nega o existente, mas não apresenta propostas alternativas. Por isso, a marca dos tumultos e multidões é destruir sem propor a reconstrução. Além disso, a violência é concentrada e

localizada no espaço; episódica e de curta duração. Seu saldo imediato é a própria destruição. Dificilmente manifestações coletivas desse tipo evoluem sozinhas para uma convulsão social. Se dependermos apenas disso, diria que a convulsão social no Brasil está longe.

Crise e movimentos sociais

Os movimentos sociais, por outro lado, são fenômenos de massa que também partem da insatisfação, mas organizam-se em direção a uma proposta sobre o que mudar, para onde mudar e como mudar. Eles são muito mais importantes para a convulsão social do que as manifestações coletivas. Os movimentos sociais constituem um meio para se materializar os valores cultivados por um grupo social. Por isso "o seu sucesso depende menos dos precipitantes e dos líderes e mais da sua capacidade de expressar claramente os ressentimentos, as preocupações, e as esperanças de um grande número de pessoas que vêm no movimento social um veículo para a solução da crise" (Milgram, S. e Touch, H., *op. cit.*, p. 585).

O recrutamento de adeptos dos movimentos sociais é mais efetivo entre as pessoas que perderam a confiança nas instituições existentes e que questionam latente sua própria herança cultural. O recrutamento ocorre não somente entre os que

coletivas

sofrem privações materiais, mas também entre os indivíduos mais sensíveis, de diferentes classes sociais e que não aceitam ver os outros sofrerem. Por isso, o escopo dos movimentos sociais tende a ser muito mais amplo do que o escopo das manifestações coletivas; eles procuram atingir ampla clientela e de forma gradual e contínua — e não de modo episódico em curto prazo. Assim é que se constrói, por exemplo, um movimento político, revolucionário ou reformista.

As situações problemáticas para os movimentos sociais, são apenas circunstâncias potenciais. Para levarem os indivíduos a agir de forma coletiva, o movimento social tem de fazê-los sentir as situações problemáticas como *remediáveis*. Esta transição não é automática e nem fácil. Ela deixou de ocorrer, por exemplo, entre os camponeses da idade média — que viam sua situação como consequência da vontade divina —, ou entre os prisioneiros dos campos de concentração — que foram exauridos na sua capacidade física. Ou entre os flagelados da seca que aceitam seu sofrimento porque assim ocorreu com seus pais e avós. Tais pessoas raramente entram em movimentos sociais. Os participantes dos movimentos sociais são indivíduos que, além de experimentarem déficits sociais intensos, vêm tais déficits como remediáveis pela via do movimento (Milgram, S. e Touch, H. *op. cit.*, p. 590).

Os movimentos sociais, portanto, pressupõem não só intolerância, mas sobretudo

a esperança. Por essa razão, eles ocorrem com mais freqüência em sociedades ou setores da sociedade já submetidos a algum tipo de mudança: social, econômica ou tecnológica (Ver Laing, K. e Lang G.E.; *Collective Dynamics*, New York: Crowell, 1961). Esse é o caldo de cultura mais propício para a edificação gradual de um movimento social.

No caso do Brasil, isso significa Rio, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Nesses Estados e, em particular, nas suas grandes cidades, há sinais de abalo da secular tolerância do povo brasileiro. É que, no passado recente, houve mais mobilidade vertical. Mas é aí também que se concentram os grupos insatisfeitos que vêm bloqueadas suas aspirações. É aí que se começa a reclamar contra os modelos e normas convencionais por falharem na acomodação às novas condições. E a imprensa — porta-voz e formadora de opinião pública — reflete tudo isso, como é de sua responsabilidade.

Na medida em que a tolerância diminui e o descontentamento cresce, tem-se a primeira pré-condição para a formação de um movimento social. A segunda condição é a politização do descontentamento. A terceira é a materialização da ação política de forma violenta, contra os atores considerados causais (esta teoria dos três estágios da violência política é desenvolvida por Gurr, Ted R., *Why Men Rebel*, Princeton: Princeton University Press, 1974).